

REMEMORANDO MEMÓRIAS INEXISTENTES

ELAINE PEDREIRA RABINOVICH¹ 

1- Doutora em Psicologia Social. Pós-doutorado em Psicologia Ambiental e Psicologia e História pela Universidade de São Paulo (USP). Docente adjunta da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Coordenadora do grupo de estudos Família, (Auto)Biografia e Poética (Fabep) da UCSal. E-mail: elaine.rabinovich@pro.ucsal.br.

Editorial

Recentemente, estive nas terras dos antepassados para realizar uma produção cinematográfica. Essas terras estão localizadas em Santa Maria da Boca do Monte, estado do Rio Grande do Sul, e foram nelas que meus antepassados chegaram vindos da Rússia, no ano de 1904, como imigrantes trazidos por um programa de colonização, Jewish Colonization Association, ICA. Foram, desse modo, colonos em uma espécie de enorme fazenda pertencente inicialmente a esse programa. Contudo, ao chegar, cada família recebia a sua gleba própria, o que equivaleria a uma roça e, com o tempo, obtinha a posse devido à sua compra.

Eu estava nessa filmagem em uma dupla condição: como consultora histórica e como figurante. A condição de eu lá estar como consultora histórica se deve ao fato de que realizei um pós-doutorado sobre a vinda dos meus antepassados ao Brasil (RABINOVICH, 2015), e, como figurante, por eu ser uma descendente de uma das famílias que lá aportaram.

Essa mini-história – na verdade é uma história longuíssima, pois se inicia a cerca de 5000 anos atrás, se considerarmos o grupo judaico; ou alguns milhares de anos, se considerarmos o surgimento do Homo sapiens – e serve como introdução ao tema deste Dossiê da Revista Macambira: Memórias, Família e Ancestralidade no campo/roça: as idas e vindas autobiográficas por Histórias do passado e suas reverberações no presente.

Finda a Introdução, o tema por mim trazido para este Editorial será a cena de um *take* do supracitado filme, que deve vir a se chamar *Os berdeiros do Barão de Hirsch*.

Essa cena ocorre no cemitério localizado nas terras da Colônia, cujos túmulos são os de quem ali morreu e datam até cerca de 1940. Os personagens são três primos, descendentes de um mesmo patriarca, Benjamin, mas de diferentes descendentes desse patriarca: eu, que sou a prima mais velha, e descendo da filha mais velha de Benjamin e Clara; uma prima cuja idade pode ser considerada estando numa mediana e que descende do terceiro irmão e primeiro do sexo masculino; e o terceiro filho do filho mais novo que é o caçula dos primos. Estamos, portanto, representando muito bem a nossa família, trazendo nossas memórias sobre a ancestralidade no campo e suas reverberações no presente.

Em frente a túmulos bem carcomidos pelo tempo, foi-nos instado que conversássemos entre nós sobre como é ser descendente dessa família que veio viver como colona nesta Colônia. Os três concordamos que dá para ver que a vida deles tinha sido uma dureza, mas que foram melhorando de vida aos poucos e também que ter vindo ao Brasil resultou numa boa condição para essa segunda geração e, melhor ainda, para nós que somos da terceira geração a viver no Brasil. Melhor porque, desde a segunda geração, todos estudaram e melhoraram a situação financeira. Concordamos que a família era muito unida e que havia nos transmitido a força dessa herança (atualmente, essa herança está sofrendo grande perda devido a litígios intrafamiliares) e que, lá do céu, nossos pais e tios deveriam estar muito bravos olhando o comportamento

de seus descendentes. Concordamos que certo amor à terra nos foi passado, todavia, mais para a prima do meio já que ela é proprietária de uma fazenda parte do lote total da Colônia, fazendeira e criadora de cavalos, tradição já passada a seu filho. Seu pai estudou agronomia e fixou-se no cultivo à terra.

Falamos de tudo isso no meio dos vetustos túmulos de cimento sombreado por musgos e pela chuva que o transformava em pedra. Pura manifestação da ancestralidade. Aliás, além do frio invernal, praticamente infernal, começou a chover, o que só fez piorar, isto é, melhorar a nossa compreensão quanto a como a vida dos antepassados tinha sido dura e como a nossa era macia comparada a deles. Essa parte da conversa trouxe, além da ancestralidade, a generatividade: nos olhamos no tempo.

No entanto, o ponto central é que nunca nos consideramos descendentes de colonos. Não tínhamos essa visão de nós mesmos, adquirida ali na frente dos túmulos que nos encaravam de sua longa história: quem são esses mortos? São parentes nossos? Devem ser, porque devem ter se casado entre si e viraram todos parentes.

O mais triste do triste cenário do pequeno cemitério era uma fileira de pequenos túmulos, os túmulos de crianças. Conteí: eram vinte e três. Esse dado me trouxe mais perto a realidade da vida dessas famílias, vindas de outro mundo, de outro universo, e vindo a perder seus filhos pequeninhos aqui neste solo. Na consideração da ancestralidade, não podemos nos esquecer das mortes que nos precederam, trazendo antes as suas vidas. Os cemitérios, em geral, é onde melhor se pode entender a vida dos vivos.

Não me lembro do que discordamos, os primos: sei que gostamos de conversar entre nós, que esse passado nos une de certa maneira. E nos une mais, esses três primos, porque eu, a mais velha, fui fazer um pós-doutoramento sobre a vinda e a vida inicial deles nas terras brasileiras; a prima do meio se tornou proprietária das terras; e o mais jovem é o produtor desse futuro filme sobre a imigração judaica para o sul do país. Ou seja: somos primos engajados em trazer para o mundo a contribuição dessas famílias, não apenas na nossa vida, mas na vida do Brasil.

Referências

RABINOVICH, Elaine Pedreira. **Os herdeiros da Colônia Philippon**: trajetória de uma família de judeus imigrantes no Rio Grande do Sul. São Paulo: All Print Editora, 2015.

Como citar este artigo

Rabinovich, E. P., (2022). Rememorando memórias inexistentes.
Revista Macambira, 6(1), e061011.
<https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.731>

Licença:



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .